

no quinto aniversário
da assinatura do documento



plahoty/Bigstock.com

uma leitura *de cego*
da encíclica ecológica
Laudato si'

Um cego capta com as mãos, ou com seu bastão, as coisas mais relevantes que encontra pela frente. Pois, assim também, tentaremos nós fazer uma leitura de cego da encíclica ecológica do Papa Francisco, ***Laudato si'*: sobre o cuidado da Casa Comum**, cujos cinco anos (**24/05/2015**) acabamos de celebrar. Quais são os seus pontos mais relevantes?

Antes de mais, não se trata de uma encíclica verde que se restrinja ao ambiente, predominante nos debates atuais. Propõe uma ecologia integral que abarca o ambiental, o social, o político, o cultural, o quotidiano e o espiritual.

Pretende ser uma resposta à generalizada crise ecológica mundial, porque **“nunca maltratámos e ferimos a nossa Casa Comum, como nos últimos dois séculos”** (n.53); fizemos da Casa Comum **“um imenso depósito de lixo** (n.21). Mais ainda: **”As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia... o nosso estilo de vida insustentável só pode desembocar em catástrofe”** (n.161). Exige-se **“uma conversão ecológica global”** (n.5;216) que implica **“novos estilos de vida”** (e o papa repete esta ideia trinta e cinco vezes) e uma **“conversão do modelo de desenvolvimento global”** (n.194).

Chegámos a esta emergência crítica devido ao nosso exacerbado antropocentrismo, pelo qual o ser humano **”se constitui um dominador absoluto”** (n.117) da natureza, desgarrado dela, esquecendo que **“tudo está interligado”** e que, por isso, ele **“não pode declarar-se autónomo da realidade”** (n.117; 120). O homem utilizou a tecnociência como instrumento para forjar **“um crescimento infinito...o que supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que nos leva a**

espremê-lo até ao limite e para além dele” (n.106).

Na parte teórica, a encíclica incorpora um dado da nova cosmologia e da física quântica: que tudo no universo é relação. Como num *ritornello*, insiste que **“todos somos interdependentes, tudo está interligado e tudo está relacionado com tudo”** (cf. nn.16, 86,117,120), o que confere grande coerência ao texto.

Outra categoria que constitui um verdadeiro paradigma é o do cuidado. Este, na verdade, é o verdadeiro título da encíclica. O cuidado, por ser da essência da vida e do ser humano, segundo a fábula romana de Higino, tão bem explorada por Martin Heidegger em *Ser e Tempo*, é recorrente em todo o texto da encíclica. Vê em São Francisco **“o exemplo por excelência do cuidado”** (n.10). **“Coração universal...para ele qualquer criatura era**

uma irmã unida a ele por laços de carinho, e sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe ” (n.11).

É interessante observar que o papa Francisco une a inteligência intelectual, apoiado nos dados da ciência, à inteligência sensível ou cordial. Devemos ler com emoção os números e relacionar-nos com a natureza **“com admiração e encanto (n.11)... prestar atenção à beleza e amá-la, pois isso nos ajuda a sair do pragmatismo utilitarista” (n.215).** Importa **“ouvir tanto o grito da Terra, quanto o grito dos pobres” (n.49).**



Consideremos este texto, carregado de inteligência emocional: **”Tudo está relacionado e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos, como irmãos e irmãs, numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une, também, com terna afeição ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão rio, e à Mãe Terra” (n.92).** Importa **“incentivar uma cultura do cuidado que atravesse toda a sociedade” (n.231),** pois só assim **“podemos falar de uma fraternidade universal” (228).**

Por fim, é essencial à ecologia integral a espiritualidade. Não se trata de derivá-la de ideias, mas das motivações que dão origem **“a uma espiritualidade para alimentar a paixão pelo cuidado do mundo...Não é**

possível empenhar-se em coisas grandes, apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anime, sem uma moção interior que impulsiona, motive, encoraje e dê sentido à ação pessoal e comunitária” (n.216). Novamente se evoca, aqui, **a espiritualidade cósmica de São Francisco (n.218).**

Concluindo, é importante enfatizar que, com esta encíclica, ampla e pormenorizada, o papa Francisco se coloca, como notáveis ecologistas o reconheceram, na vanguarda da discussão ecológica mundial. Em muitas entrevistas, referiu-se aos riscos que corre a nossa Casa Comum. Mas a sua mensagem é de esperança: **”caminhemos cantando, que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta, não nos tirem a alegria da esperança” (n.244).**

LEONARDO BOFF



Este poema [*CÂNTICO DO IRMÃO SOL*] que, ao longo dos séculos, trouxe paz e consolação a milhões e milhões de homens, nasceu, portanto, num momento de dor, eco de uma alma profundamente pacificada e, por isso, capaz de convidar todas as criaturas para louvar a Deus.

Francisco e a gênese do Cântico do Irmão Sol

PARA A ENCÍCLICA SOBRE O AMBIENTE, o Papa Francisco inspirou-se no *Cântico do Irmão Sol*, ligando, assim, o documento ao santo de quem tomou o nome. Para aqueles versos, Francisco de Assis tinha, também, composto uma música, que infelizmente se perdeu: no manuscrito assisense n. 338, no fólio 33R, tinha sido deixado, logo no início, um espaço destinado a conter a composição musical, espaço esse que, infelizmente, permaneceu em branco,

Este manuscrito é, também, o mais antigo testemunho documental do Cântico, porque a parte do códice em que ele foi transcrito remonta aos anos quarenta do século XIII: uma relíquia, portanto, do mais alto valor.

A rubrica que introduz o seu texto diz o seguinte: "Iniciam-se aqui os Louvores das criaturas, que o bem-aventurado Francisco compôs em louvor e honra de Deus, quando jazia enfermo em São Damião". Portanto, Francisco redigiu estes louvores enquanto estava doente.

Percorrendo os seus versos, somos quase induzidos a pensar em jardins cheios de flores e de erva verde, em fontes cristalinas e em pássaros chilreando; e aquelas Laudes, pelo contrário, foram escritas num momento particularmente difícil.

Com efeito, o pormenorizado testemunho dos companheiros do santo permite-nos garantir que Francisco as compôs em momentos muito diferentes, até mesmo separados no tempo.

Nos primeiros meses de 1225, esteve retido em São Damião durante mais de cinquenta dias, vítima de sofrimentos

atrozes. Uma noite, não aguentando mais, invocou o socorro do Senhor, que, em espírito, lhe respondeu: "Irmão, contenta-te e alegra-te do fundo do coração pelas tuas enfermidades" (**Compilatio Assisiensis 83**); na manhã seguinte, começou a compor o *Cântico do Irmão Sol*.

Este poema que, ao longo dos séculos, trouxe paz e consolação a milhões e milhões de homens, nasceu, portanto, num momento de dor, eco de uma alma profundamente pacificada e, por isso, capaz de convidar todas as criaturas para o louvor de Deus.

Deste modo, é um texto que foi sendo completado e aperfeiçoado ao longo dos tempos. De facto, enquanto Francisco permanecia doente em São Damião, eclodiu uma rixa entre o bispo e o representante do poder em Assis: então, ele determinou que se acrescentasse ao Cântico a estrofe do perdão, e enviou dois de seus companheiros para que o cantassem perante os contendores que, depois de o ouvir, se abraçaram (*ibid.*, 84).

A composição foi, finalmente, completada mesmo no final da vida de Francisco. Gozando ainda de plena consciência, ele pôde sentir "o momento". No seu leito, depois de o médico lhe revelar as suas reais condições de saúde, Francisco começou a louvar o Senhor: "Sejas bem-vinda, irmã morte" (*ibid.*, 100).

Do mesmo modo, quando um companheiro lhe falou com toda a franqueza, também nesse momento Francisco não deixou de louvar ao Senhor:

mandou chamar Frei Leão e Frei Ângelo para que lhe cantassem o *Cântico do Irmão Sol* e, antes da última estrofe, inseriu o louvor à Irmã Morte (*ibid.*, 7).

Certamente que muitos aspectos da personalidade de Francisco de Assis foram, muitas vezes, exagerados; outros, foram retirados do seu contexto, e privados da sua fonte de inspiração, se não são, mesmo, inteiramente fruto da fantasia.

Na realidade, a raiz de cada comportamento de Francisco, está na relação que ele soube reconstruir com aquele Deus ao qual não tinha prestado atenção, durante boa parte da sua vida. Quando, finalmente, chegou à fase das escolhas definitivas, com a decisão de sair do século, isto é, com o abandono dos valores perseguidos pelo mundo – e que até à idade de vinte e quatro anos também tinham sido os seus – para redescobrir a bondade e a paternidade de Deus, tudo adquiriu um significado diferente: os pobres manifestaram-lhe o rosto de Cristo; os inimigos tornaram-se pessoas a quem amar; os animais, os seus irmãos menores; a criação revelou-se-lhe como a marca do Criador.

Então, ele convenceu-se de que não eram, apenas os homens, que eram convocados a louvar a Deus, mas sim toda a criação. É a criação, no seu todo, que deve celebrar a glória do Criador: homens, animais, plantas, vento, água e fogo, astros celestes e todas as outras criaturas inanimadas. É, apenas, neste contexto que se pode compreender, na sua plena e verdadeira luz, o *Cântico do Irmão Sol*.

É este o ponto forte do discurso de Francisco: a criação inteira é chamada a louvar o Senhor, mas quem é, sobretudo chamado, é o homem, que está colocado no vértice da pirâmide, já que tudo lhe foi dado, para que dele se sirva e o restitua ao Criador.

Por outras palavras, voltamos ao conceito de restituição: uma vez que Deus

é o doador de todo o bem, todos os bens Lhe devem ser restituídos. A Ele deve ser atribuída a obra criada, para que toda ela o louve e fale d'Ele. Violentar a criação, portanto, significa exercer violência sobre o próprio Deus.

O verdadeiro drama reside no facto de as criaturas servirem ao Senhor muito melhor do que o homem, porque, enquanto elas obedecem ao Criador, este vira-lhe tranquilamente as costas. Trata-se de conceitos que Francisco expressa numa forma muito eficaz na quinta das suas *Admoestações*: "Considera, ó homem, em que grande excelência te pôs o Senhor Deus, porque te criou e formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo, e à sua semelhança segundo o espírito. E todas as criaturas que há sob o céu, a seu modo, servem, conhecem e obedecem ao seu Criador melhor do que tu".

Portanto, não se pode compreender a disposição de Francisco em relação à criação e aos animais, fora de um horizonte teocêntrico, isto é, prescindindo de Deus e da obediência que lhe é devida. O respeito pelo ambiente passa pelo respeito e pelo obséquio para com o Criador: de facto, ele estava bem consciente de que Deus criara o universo como um jardim, e queria que o homem, reconquistado pelo sangue de Cristo, voltasse a obedecer-Lhe, de modo a readquirir, finalmente, o edénico estado inicial.

A obediência, irmã da caridade, virtude pouco amada em todos os tempos, implica que o homem adapte os seus projetos aos de Deus; uma obediência devida "não só ao Pai que está nos céus, mas também ao projeto de vida que ele inscreveu na família inteira das suas criaturas".

Estamos, talvez, diante da "mensagem mais inesperada e não ouvida de toda a cultura religiosa do Ocidente cristão" (Carlo Paolazzi).

O Cântico do Sol, de S. Francisco de Assis

Altíssimo, onnipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória e a honra e todo o bendizer.
A ti somente, Altíssimo, são devidos.
E homem algum é digno de sequer pôr-te um nome.
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão sol,
pois ele é dia
e nos ilumina por si.
E ele é belo e radiante com grande esplendor,
como tu, ó Altíssimo.
Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua e pelas estrelas,
que no céu as formaste, luminosas, preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento
e pelo ar, pelas nuvens,
e pelo céu sereno e por toda espécie de tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,
que é tão útil, humilde, preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo,
pelo qual iluminas a noite;
ele é tão belo tão alegre, vigoroso e forte.
Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa irmã e mãe terra que nos alimenta
e governa e produz variados frutos
e coloridas flores e ervas.
Louvado sejas, meu Senhor,
por aqueles que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sofrem em paz,
e que por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a morte corporal,
da qual ninguém pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Felizes os que estão na tua santíssima vontade:
a morte segunda não lhes fará mal.
Louvai e bendizei o meu Senhor.

uma inspiração:

São Francisco de Assis e o *Cântico das criaturas*

O *CÂNTICO DAS CRIATURAS*, de São Francisco de Assis, é um irrepreensível e cristalino tratado teológico. Foi interpretado, erradamente, como um texto "panteísta". Não há nada nele de propriamente panteísta: é uma tentativa perfeita de fundir e dissolver o cosmos e a natureza em Deus, e de fundir e dissolver Deus no cosmos e na natureza.

A opinião é do historiador italiano **FRANCO CARDINI**, professor do *Istituto Italiano di Scienze Umane* (Sum). O artigo foi publicado no jornal *Avvenire*, 18-06-2015.

Altissimu, onnipotente, bon Signore, Tue so' le laude, la gloria, l'honore et onne benedictione, ad Te solo, Altissimo, se konfãno et nullu hono ène dignu Te mentovare. [Altíssimo, onnipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção, a Ti só, Altíssimo, se não de prestar, e nenhum homem é digno de Te nomear.]

É a mais bela composição poética de todo o mundo e de todos os tempos. A sua beleza é absoluta, cósmica, total, penetra toda a criação e chega quase a tocar a infabilidade de Deus. Nem mesmo o Salomão do Cântico dos Cânticos, que tem também, muitos aspetos semelhantes, e no qual, sem dúvida, Francisco se inspirou; nem mesmo o Dante da Oração de São Bernardo a Maria ("Virgem Mãe, filha do teu Filho") chegaram tão alto e tão profundo.

Decorria o ano de 1224, Francisco jazia doente num leito da sua São Damião, a igreja em ruínas onde, cerca de vinte anos antes, tinha recebido, de Cristo crucificado, a mensagem que tinha mudado a sua vida, e onde se haviam instalado Clara e as suas irmãs.

Os grandes intérpretes do Pobrezinho de Assis escreveram muitas coisas sobre ele, sobre os últimos anos da sua vida terrena, sobre a sua relação com Clara e as outras irmãs, e sobre aqueles poucos, inspirados, altíssimos versos. Sabemos tudo o que se pode saber.

Mas deixemos de lado toda essa ciência. Esforcemo-nos por imaginar aquele pobre homenzinho debilitado, após uma noite de dor e de sofrimento, no meio do ruído dos ratos por debaixo do sobrado que o não deixaram dormir, quando o sol nascente do amanhecer fere os seus olhos doentes – resultado do tracoma que o contagiara cinco anos antes, no Egipto, durante a cruzada – e os faz lacrimar.

Esforcemo-nos por ver o mundo – o pobre mobiliário daquela salinha, a luz incerta, embora ofuscante – através daqueles olhos que talvez só consigam distinguir pouco mais do que sombras. Francisco escreve ou, melhor, dita, porque já não tem forças para escrever. Não sabemos a quem. Escreve, de uma assentada, palavras que irrompem diretamente do seu coração: queremos acreditar que - desde aquele momento até à altura em que, prestes a deixar este mundo, ele terá ditado a quadra final sobre a Irmã Morte, da qual "*nullo homo vivente po' skappare*" - ele não mudou nada daquele perfeito cântico de amor.

Derramaram-se rios de tinta, e foram escritas bibliotecas inteiras sobre estes poucos versos. Na sua luminosa certeza, eles parecem ser inefáveis, como Aquele em honra do Quem foram escritos. Ninguém pode gloriar-se, seriamente, de tê-los decifrado até o fim. O Espírito sopra onde quer: e, naquela manhã, soprou sobre aquele pobre frade, e sobre os seus olhos avermelhados que, finalmente, viram o Mistério do universo.

São palavras que falam de Deus, da Sua Glória, da Sua infinita Majestade (Omnipotente), do Seu amor infinito (Bom Senhor), da Sua incomensurável distância em relação aos homens e, também, da força com que Ele sabe chegar até eles, e, especialmente, até aos que, dentre eles, sabem perdoar por Seu amor, atravessando toda a criação, isto é, o universo: "*Messer lo Frate Sole*", imagem nobilíssima (*significatione*) de Deus, e a lua, e as estrelas, e depois os quatro elementos de que a matéria do mundo é constituída – o fogo, o ar, a água, a terra com as suas flores e os seus frutos.

Esta poesia, que muitos julgaram ingénua – e, no fundo, com razão –, abraça o mistério da criação e da natureza, com uma força e uma clareza que, depois dos poucos versículos do Génesis, nenhum filósofo nem nenhum poeta jamais conseguiu igualar.

O Cântico é um irrepreensível e cristalino tratado teológico. Foi interpretado, erradamente, como um texto "panteísta". Não há nada nele de propriamente panteísta: é uma tentativa perfeita de fundir e dissolver o cosmos e a natureza em Deus, e de fundir e dissolver Deus no cosmos e na natureza. O Cântico das Criaturas é o que é, precisamente, por ter sido escrito em louvor do Criador que nelas é louvado, e em louvor do homem, que, entre as criaturas, é a suprema, a mais amada, a que foi feita "à Sua imagem e semelhança", mas que, apesar de tudo, continua sendo criatura, irmã, portanto, de todas as outras.

Na filosofia cristã do século XII, houve uma grande tentação panteísta: era a tendência neoplatónica, dos Mestres da escola de Chartres. Mas Francisco, que presumivelmente nunca terá lido, pelo menos diretamente, uma linha sequer desses Mestres – o que não quer dizer que não tenha ouvido falar deles –, não se deixa arrastar, nem sequer por um instante, por essa tentação. Para ele, Deus continua a ser o

Criador, amorosamente próximo, mas infinitamente superior a qualquer criatura.

Em contrapartida, havia outro perigo que ameaçava a Igreja daquele tempo: e Francisco que, na segunda década do século, havia atravessado o sul da França, abalada pela "cruzada dos albigenses", devia ter isso bem presente.

Além disso, na sua Assis, ele provavelmente também tinha ouvido a pregação daqueles estranhos profetas pálidos e debilitados, que anunciavam o Reino de Deus com as palavras do evangelista João, e atacavam a Igreja rica, ávida e soberba. Mais tarde, alguns deles, provavelmente, o terão atacado, chamando-lhe hipócrita e falso cristão.

Tratava-se dos seguidores da "Igreja" cátara, uma verdadeira anti-Igreja, que se apresentava sob as aparências de portadora do autêntico cristianismo, o das "origens", o pobre e puro, mas que, na realidade, explicavam aos seus seguidores que a Igreja os enganava, porque era a Bíblia que os tinha enganado, que o verdadeiro Deus, o Senhor da Luz, era o puro Princípio Espiritual, e que as substâncias espirituais que dele emanavam corriam, continuamente, o risco de serem aprisionadas na matéria criada por outro Princípio obscuro e malvado, o Senhor das Trevas.

A Luz contra as Trevas, o Dia contra a Noite, o calor do Bem contra o frio gélido do Mal. Mas se as coisas fossem assim, se esse fosse o cosmos, então o criador de todas as coisas era ele, o Princípio malvado, o cruel Demiurgo. O Criador adorado por todos os filhos de Abraão era Satanás; a criação, isto é, a matéria, era o Mal absoluto; e quanto ao homem, espírito eleito, aprisionado numa repugnante jaula de carne, só a morte o poderia libertar.

O paradoxo era que, há algumas décadas atrás, esta enregelante filosofia mortífera tinha fascinado, talvez, a melhor parte da cristandade: os grandes senhores e os belos cavaleiros daquela Provença - na qual a vida era tão doce, e onde os trovadores cantavam hinos de amor, bem como os prósperos mercadores lombardos e toscanos - tinham-se deixado conquistar por esta fé da Libertação através da Negação da Vida.

A Igreja, a soberba e poderosa Igreja do Papa Inocêncio III, respondera a este ataque sem precedentes, com uma furiosa cruzada e

com os tribunais da Inquisição. Mas aquilo que nem uma nem os outros, talvez, jamais conseguiriam fazer, para erradicar esta erva daninha disfarçada de flor de virtude (*corruptio optimi pessima*), souberam fazê-lo os poucos e milagrosos versos da maior poesia jamais escrita no mundo.

Tudo, no fundo, portanto, está na simplicidade daquela preposição simples que atormentou filólogos, linguistas e historiadores: aquele "por" que surge, uma e outra vez, em cada verso do Cântico. Qual o seu significado? Será um complemento de causa, como a explicação mais óbvia parece sugerir (que Tu sejas louvado, ó Senhor, por teres criado...)?

Ou um complemento de agente, semelhante ao "*par*" francês e ao "por" castelhano (que Tu sejas louvado, ó Criador, pela corte de todas as criaturas que Te rodeiam em adoração)?

Ou um complemento instrumental, semelhante ao "*diá*" grego (que Tu sejas louvado, ó Senhor, não só diretamente pelo homem, mas também através de todas as coisas por Ti criadas, e que confirmam o Teu poder e o Teu amor)?

Paremos por aqui, porque os estudiosos acrescentaram muitas outras coisas. A exegese desses breves versos nunca ficará concluída, assim como o mistério da criação e de Deus.

O papa Francisco quis dedicar a esse louvor infinito a Deus criador e à criação a sua nova encíclica *'Laudato si'*, para nos lembrar que o homem – exatamente segundo a letra e o espírito do Génesis – não é o senhor do universo (Um só é o Senhor), mas que é o seu guardião, o seu Custódio; e que, no fim dos tempos, assim como cada um de nós deverá devolver a Deus a sua alma que lhe foi concedida imaculada, e que foi, por cada um de nós, várias vezes suja e rasgada, costurada e limpa, assim também a humanidade deverá devolver-Lhe a criação. Que foi concedida ao homem para que ele a gozasse em toda a sua beleza e na variedade infinita das suas luzes, dos seus perfumes e dos seus sabores; mas que não lhe foi dada como um obsceno brinquedo destinado a ser violado e prostituído, como uma imunda mercadoria destinada a ser vendida, comprada e objeto de especulação.

A criação que pertence a todos os seres humanos e, especialmente, aos Últimos da Terra.